

Realismo e anti-realismo em Hegel*

Paolo Giuspoli

Universidade de Messina

ABSTRACT: Hegel's conception of thought is 'non-internalist' (as noted by Putnam, McDowell, Halbig, Quante, Siep, Westphal et al.). Yet, this is not sufficient to ascribe to Hegel a peculiar form of realism. Today, realism takes different forms. In general, realism can be defined as the view that our cognitive experience is true only if it mirrors reality as it is in itself, that is, reality is conceived as being independent from what is affirmed, proven, thought, or known of it. In this article I show: 1) that such a 'realism' is not compatible with Hegel's philosophy, and 2) that its contemporary variation as 'epistemological realism' has undeniable affinities with the Hegelian conception of the knowledge. Yet, this affinity does not account for the distinctive features of Hegel's philosophical proposal.

KEYWORDS: Hegel, Epistemological Realism, Idealism, Ontological Realism, Conceptualism.

A filosofia de Hegel desenvolve-se a partir de uma convicção fundamental: o pensamento não é apenas um ato mental e subjetivo. Por outro lado, a realidade efetiva não é concebível apenas como um 'produto' puramente interior, o parto contingente de uma mente individual.

Com base nesta caracterização geral, é legítimo considerar a filosofia hegeliana como 'não-internalística,' conforme uma corrente de pensamento que nos coloca no centro do debate contemporâneo sobre este tema. Mas isto ainda não é suficiente para considerar a posição hegeliana como uma forma peculiar de 'realismo,' conforme uma difusa corrente interpretativa contemporânea.

Por 'realismo' pode-se entender, de forma muito geral e abstraindo das evidentes divergências interpretativas que caracterizam o debate interdisciplinar contemporâneo, aquela forma de conceber nossa experiência cognoscitiva de modo que nossas asserções – para serem verdadeiras – têm que espelhar a realidade tal como ela é em si mesma, na sua própria constituição e conformação, independentemente das formas em que ela é asserida, pensada, sabida.

Eu creio que um 'realismo' assim concebido não é compatível com a filosofia hegeliana. Sem dúvida, Hegel propõe uma filosofia que tem que se constituir como compreensão da 'realidade,' na sua totalidade e concretude, e, neste aspecto, é possível identificar um elemento de afinidade com

* Texto traduzido por F. Sanguinetti e revisado por M.C.F. Gonçalves. As traduções das citações são do tradutor.

algumas propostas contemporâneas de ‘realismo epistemológico.’ Todavia, a caracterização da filosofia hegeliana como realismo epistemológico resulta problemática se, com isto, pretende-se reivindicar um acesso cognoscitivo à realidade como a algo ‘independente’ com respeito aos modos nos quais a compreensão conceitual nos permite uma articulação sensata daquilo que chamamos de ‘real.’

Trata-se de uma questão nada simples, que deve ser considerada em relação a diferentes níveis de análise correlatos, que devem ser atentamente examinados.

1. ‘Prescindindo da existência do sujeito’

Em seu livro inovador *Objektives Denken*, Christoph Halbig propõe uma tese interpretativa relevante, que se inspira explicitamente numa ideia de Hilary Putnam: Hegel tentaria superar a oposição entre realismo e idealismo elaborando uma filosofia que pode ser considerada uma versão peculiar de ‘realismo direto.’¹

Antes de considerarmos mais de perto esta proposta interpretativa, vale a pena distinguir alguns dos níveis de discurso aqui implicados. Antes de tudo, é pertinente considerar mais em detalhe aquilo que significa ‘realismo’ no contexto específico deste debate.

Por ‘realismo’ entende-se, de forma geral, a perspectiva teórica segundo a qual “em nosso conhecer, podemos lograr um saber em torno de uma [...] realidade efetiva independente do espírito (*geistunabhängige Wirklichkeit*).”²

Esta caracterização geral do realismo é útil para começar a levantar o problema da compatibilidade da filosofia hegeliana com uma concepção ‘realista’ do saber.

De forma preliminar, pode-se dizer que se trata de um problema particularmente espinhoso. Fichte e Schelling, na medida em que ambos definiam as suas próprias filosofias como ‘ideal-realismo,’ denunciavam evidentemente este risco. O próprio Hegel, na redação da *Filosofia do Espírito* de 1803-04, nota que a controvérsia entre realismo e idealismo, quando coloca questões

¹ HALBIG, C. *Objektives Denken. Erkenntnistheorie und Philosophy of Mind in Hegels System*. Stuttgart – Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2002, p. 17. Halbig refere-se à versão manuscrita: PUTNAM, H. *McDowell’s Mind and McDowell’s world*. Texto apresentado no Symposium APA, Chicago, 29 abril 1996.

² SIEP, L., HALBIG, C., QUANTE, M. Direkter Realismus. Bemerkungen zur Aufhebung des alltäglichen Realismus bei Hegel. In: Schumacher, R. (Ed.). *Idealismus als Theorie der Repräsentation?* Paderborn: Mentis Verlag, 2001, p. 156.

como, por exemplo, se a cor azul existe de verdade ou se ela é só um produto subjetivo, pode gerar uma “disputa irracional em torno da qual não se pode dizer nada razoável.”³

Hegel chega a esta afirmação após uma argumentação complexa, à qual devemos aqui fazer referência.

Segundo Hegel, independentemente dos conteúdos específicos do *Streit* sobre realismo e idealismo, é preciso localizar “o lugar onde se formam os assim chamados realismo e idealismo.” Este ‘lugar’ é localizado na “perspectiva da oposição (*dem Standpunkte des Gegensatzes*).”⁴ Trata-se de uma consideração importante, que temos que ter presente na análise que estamos conduzindo. O *Streit* entre realismo e idealismo resulta, segundo Hegel, irracional, se não temos em conta que ele se desenvolve a partir de uma perspectiva peculiar: a perspectiva na qual se gera a oposição entre o lado subjetivo (ou ideal) e objetivo (ou real) da atividade cognoscitiva. É preciso ter presente que, para Hegel, esta oposição é o produto de uma ‘perspectiva,’ por mais que ela seja difusa; poderíamos defini-la como uma ‘crença natural,’ que acompanha a consciência comum e alimenta, embora de uma forma geralmente implícita, uma ampla produção teórica em muitos âmbitos da cultura e da ciência moderna e contemporânea.

Esta ‘perspectiva’ condiciona assim a maneira de entender a relação entre mente e mundo a todos os níveis da atividade cognoscitiva. Daí a crença na heterogeneidade entre sujeito que intui e objeto empírico, entre compreensão conceitual e objeto, apesar da evidente correlação entre os dois lados da oposição.

Ora, quem pergunta “qual, das partes desta composição (*Zusammensetzung*), é a ativa (*das Tätige jedes Teils*)” é ainda “a perspectiva da consciência comum (*der Standpunkt des gemeinen Bewußtseins*).”⁵ Portanto, é uma crença aquilo que induz a considerar “a consciência sempre e somente como um dos lados da oposição”⁶ e é sempre esta crença aquilo que gera o problema da oposição entre consciência e objeto real. Deste modo, aquilo que, de fato, é uma ‘perspectiva’ (ou um ‘ponto de vista’) é tacitamente absolutizada, até o ponto de gerar a oposição entre consciência e objeto como se fossem entidades “absolutamente reais.”⁷

A partir daí surge a exigência de defender a realidade em si do mundo frente ao risco de uma redução mentalística. O conteúdo do conhecer é reduzido ao conteúdo de um sujeito individual e

³ HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 6: *Jenaer Systementwürfe I*. Hrsg. von K. Düsing und H. Kimmerle, Hamburg: Meiner, 1971, Fragment 20, p. 292.

⁴ HEGEL. *Jenaer Systementwürfe I*, p. 291.

⁵ HEGEL. *Jenaer Systementwürfe I*, p. 291.

⁶ HEGEL. *Jenaer Systementwürfe I*, p. 291.

⁷ HEGEL. *Jenaer Systementwürfe I*, p. 295.

surge assim a pergunta se este objeto é algo ‘também’ fora do sujeito, *abgesehen von der Existenz des Subjekts*. Esta é, para Hegel, a raiz do *Streit* entre realismo e idealismo.

De fato, segundo Hegel, tanto o conceito de ‘Eu absoluto’ quanto o conceito de ‘mundo externo’ são o resultado da substancialização daquilo que é percebido dentro de uma perspectiva dualística, enraizada numa crença natural tão difusa, que ela é comumente utilizada de modo tácito.

Esta abordagem teórica, que localiza na perspectiva ‘opositiva’ própria da consciência comum a origem da maneira de colocar o problema da experiência cognoscitiva no *Realismus-Idealismus-Streit*, está na origem do projeto de uma *Ciência da experiência da consciência* ou da *Ciência da fenomenologia do espírito*.

2. Consciência natural e crença na constituição ‘bipolar’ do real

Como é sabido, na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel concebe a ‘consciência’ como a maneira de ser ‘basilar’ do espírito humano. A consciência consiste propriamente em ser consciente de um mundo de objetos que estão diante de nós como algo outro em relação a nós.

Isto implica pelo menos duas consequências:

[1] A consciência refere-se sempre a um ‘objeto.’ Ela considera este objeto como algo ‘outro’ com respeito a si mesma, ou seja, ela lhe atribui uma subsistência própria, ‘independente’ dos modos de conhecer e de fazer experiência do objeto mesmo.

[2] Dentro desta perspectiva, gera-se uma espécie de ‘bipolarização’ do real: por um lado, a consciência interpreta a si mesma como um centro de geração do ‘saber’; por outro lado, ela representa o ‘mundo externo’ como aquilo que ela ‘encontra’ ao redor e diante de si, como algo ‘dado.’

A partir de esta bipolarização do real, gera-se uma tensão que define a relação entre mente e mundo, entre saber e verdade. Esta relação é considerada, todavia, aprioristicamente, como uma relação extrínseca entre duas ‘entidades,’ que são representadas como ‘reais,’ ‘uma independentemente da outra.’

Na *Introdução*, Hegel define com maior precisão o alcance destas distinções, tanto de um ponto de vista epistemológico quanto de um ponto de vista metodológico. Hegel ilustra o itinerário fenomenológico como um itinerário que, da perspectiva da consciência (opositiva, bipolar), aparece como a experiência de um ceticismo radical: segundo uma celebre expressão, como uma verdadeira

“via da dúvida [...] ou, mais propriamente, como via do desespero.”⁸

Ora, neste contexto, o termo ‘desespero’ é usado por Hegel para expressar uma certa maneira de reagir frente aquilo que parece ser uma série de fracassos culturais e filosóficos. Para quem permanece na perspectiva ‘opositiva’ ou ‘bipolar,’ característica da consciência comum e progressivamente dominante na cultura e na filosofia modernas, parece não haver nenhum futuro para a filosofia e a ciência em geral. Isto porque não nos apercebemos de que estamos limitados ‘dentro’ de uma perspectiva que separa rigidamente, como dimensões heterogêneas, a atividade do ‘saber’ e o ‘mundo verdadeiro.’

O sentimento de desespero que permeia a cultura e a filosofia modernas se acentua para quem aceita se confrontar de uma forma radical com a crítica transcendental kantiana. Este sentimento é o resultado, em particular, daquela sensação de ‘des-substancialização’ tanto do mundo, quanto do eu, que surge quando se verifica a insuperabilidade do elemento formal (subjetivo e apriorístico) do conhecer em relação ao objeto do conhecimento.

Hegel procura mostrar como esta incapacidade de fornecer uma resposta certa e coerente ao problema da relação entre conhecimento e verdade, depende fundamentalmente do fato de que se trata de um problema mal colocado (embora ele se gere espontaneamente na ‘consciência ordinária’ ou ‘consciência natural’).

A consciência assumiria assim a atitude, conforme uma eficaz metáfora, de uma espécie de ‘rei Mida’ do saber: ela tenta sempre em vão se alimentar de realidade verdadeira e manifesta constantemente esta sua necessidade de mostrar, a si e aos outros, que há uma ‘verdade das coisas’ que ‘não depende dela.’ Mas cada vez que o sujeito conhecedor indica algo real em si mesmo, algo verdadeiro, isto ‘se transforma imediatamente no saber do sujeito.’ Parece assim que ele nunca consegue atingir algo que seja real em si mesmo, num sentido absoluto, independentemente das formas em que o sujeito conhecedor conhece. Toda realidade ‘verdadeira’ converte-se em algo que é, assim, ‘para ele,’ que é relativo às suas maneiras de sentir, perceber, reconhecer a normatividade no mundo natural, referir-se linguisticamente e conceitualmente aos objetos designados.

Na *Ciência da fenomenologia do espírito*, Hegel não se propõe a examinar as modalidades de uso destes pretensos ‘instrumentos’ através dos quais a consciência se refere ao mundo: ele encarregará a sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* da tarefa de examinar cientificamente os processos de mediação que nos permitem elaborar um saber racional do real. Na *Fenomenologia*,

⁸ HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 9: *Die Phänomenologie des Geistes*. Hrsg. von W. Bonsiepen und R. Heede. Hamburg: Meiner, 1980, p. 56.

pelo contrário, Hegel tenta mostrar como eles não são ‘instrumentos’ ou ‘meios’ extrínsecos que conectam entidades heterogêneas: mente e mundo, saber e realidade ‘verdadeira.’

Afinal, coerente com aquilo que já tinha afirmado em Jena, Hegel mostra que os problemas que alimentam o debate sobre ‘realismo’ e ‘idealismo’ devem ser reformulados a partir de uma consciência mais clara dos pressupostos que condicionam sua formulação.

3. ‘Pensamento objetivo’: um aparente oxímoro

Hegel continuará a considerar a *Fenomenologia do espírito*, até suas últimas obras, como um ‘peculiar’ itinerário funcional à superação dos ‘pontos de vista’ limitados sobre a relação entre saber e realidade e à maturação dos requisitos necessários para realizar um saber filosófico que seja *de facto* ‘saber científico.’

Na Introdução à primeira edição da *Ciência da lógica*, Hegel traça a transformação necessária para abordar esta empreitada. Fazendo referência ao itinerário fenomenológico, Hegel afirma que, antes de tudo, é preciso liberar-se da representação do pensamento em geral como conjunto de atividades puramente formais, que deveriam referir-se a um mundo real, já ‘dado,’ como critério de verdade para avaliar o próprio conhecimento.

A concepção do pensamento dominante até então, também em âmbito lógico, era fundamentada na pressuposta ‘separação’ entre forma e conteúdo do conhecer. Aquilo que, em primeiro lugar, tem dificultado uma adequada compreensão racional do pensar, tem sido uma pressuposição dominante na experiência da consciência e enraizada na cultura filosófica e científica. Precisamente, tem-se pressuposto

que o material do conhecer esteja presente em si e para si como mundo já acabado, fora do pensar, que o pensar, por si, seja vazio, [e] que se aproxime, à maneira de uma forma, externamente à matéria, se enche dela, e somente neste modo logre um conteúdo e um conhecer real.⁹

Tem-se pressuposto, também, que esta pretendida realidade em si do conteúdo do conhecimento seja sobreordenada em relação ao próprio ato cognoscitivo. Segundo uma tal concepção

⁹ HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 11, *Wissenschaft der Logik*, erster Band: Die objektive Logik, erstes Buch: Das Sein (1812). Hrsg. von F. Hogemann und W. Jaeschke. Hamburg: Meiner, 1977, p. 16.

o objeto (*das Objekt*) seria por si mesmo algo completo, acabado, que, para a sua realidade efetiva (*Wirklichkeit*) poderia prescindir do pensar, enquanto o pensamento seria algo incompleto, que só se completaria em um material, e que, como uma forma maleável e indeterminada, deveria adaptar-se à sua matéria. A verdade consiste na concordância do pensar com o objeto e, para produzir esta concordância – dado que ela não está presente em si e para si –, o pensar deve submeter-se ao objeto e tornar-se conforme a este.¹⁰

Hegel aqui é muito claro. O projeto de renovação do procedimento científico avançado na *Ciência da lógica* deve minar aquelas que podem ser consideradas como as pressuposições fundamentais do ‘realismo’ tradicional: a) a primazia do real (representado como algo ‘dado’) em relação ao pensar; b) a concepção da verdade como resultado do processo de adaptação do pensamento ao mundo real.

Neste sentido, a filosofia hegeliana é concebível como uma demonstração de que tal ‘concordância’ (*Übereinstimmung*) não pode ser pressuposta, nem ser produzida através da adaptação do pensamento a um objeto ‘independente,’ isto é, nas palavras de Hegel, a um objeto que “para a sua própria *Wirklichkeit* poderia prescindir completamente do pensar.”

Em relação a estas considerações, na *Ciência da lógica* e, depois, nas lições sobre o *Vorbegriff* enciclopédico, Hegel insistirá na necessidade de reconceber o pensamento de forma diferente. Com a expressão ‘pensamento objetivo,’ Hegel exprime eficazmente esta exigência.¹¹ Trata-se de uma formulação genial pela maneira em que ela gera uma tensão na concepção comum do pensamento, com um aparente oxímoro.

Da nossa análise, deveria resultar claro como Hegel procura escapar a alternativa ‘realismo-idealismo’ denunciando os pressupostos que estão na base desta alternativa, e que paralisa a pesquisa filosófica em problemas mal colocados. As expressões ‘*objektives Denken / objektiver Gedanke*’ indicam propriamente esta exigência crítica de sair de uma concepção do pensamento concebido só como ato mental subjetivo, um produto interno ao sujeito; da mesma maneira, elas indicam a exigência de considerar criticamente a concepção do objeto como algo ‘externo’ e ‘independente’ do pensamento.

¹⁰ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, erster Band p. 16.

¹¹ Illetterati escreve a propósito: “Aquilo que entendemos sublinhar aqui é que a relação entre pensamento e realidade, entre mente e mundo, não deve ser interpretado em Hegel à luz de uma hipersubjetivação, num sentido idealístico, da abordagem de Kant, mas como a tentativa de sair do horizonte de um idealismo subjetivo (dentro do qual Hegel compreende também o projeto transcendental kantiano) que não conseguiria a dar conta da íntima estrutura racional da realidade – senão sob a condição de pensá-la como o produto e o precipitado de uma atividade mental.” ILLETTERATI, L. *Pensiero e realtà. La problematizzazione del rapporto fra soggetto e mondo in Kant e Hegel. Giornale di Metafisica*, 35, n. 2-3, 2013, p. 343.

Por isso, toda tentativa de definir a filosofia hegeliana como síntese ou identidade de pensamento e realidade, de mente e mundo, resulta ambígua se não faz referência ao problema principal: pensamento e realidade, mente e mundo não podem ser sintetizados ou reduzidos à síntese, se eles forem previamente considerados como entidades independentes. Por este motivo, quando, no debate contemporâneo, se define a filosofia hegeliana como um ‘superconceitualismo’¹² ou como uma peculiar forma de ‘realismo,’ temos que examinar se estas posições não são o resultado de uma operação mais ou menos implícita de radicalização ou de uma extensão artificiosa de um dos dois polos, pressupostos como entidades independentes, em si mesmas reais.

4. O problema do ‘mundo externo’

Quando se interpreta a filosofia hegeliana como uma forma de ‘realismo,’ é necessário definir com precisão o que se entende por ‘realidade,’ e, em particular, se se afirma que ela seria *geistunabhängig*. Com referência ao “debate sobre o realismo/idealismo de Hegel,” observa oportunamente Halbig, “o domínio da análise em relação ao qual se põe a questão da *Geistunabhängigkeit der Wirklichkeit* é: o mundo externo.”¹³

Esta consideração, porém, põe imediatamente um problema: qual significado atribuímos à expressão ‘mundo externo?’ Trata-se de um problema hermenêutico importante. De fato, se nos atermos aos textos hegelianos, então o nosso exame chega logo a uma dificuldade: Hegel não utiliza absolutamente as expressões ‘*Außenwelt*’ ou ‘*äußere Welt*’ para indicar uma *geistunabhängige Wirklichkeit*.

No âmbito das assim chamadas ‘ciências reais,’ Hegel considera a relação com o mundo exterior como uma forma limitada de examinar as complexas e estratificadas ordens de relação entre inteligência, linguagem, sociedade, cultura, matéria, ambiente, corpo. Considerada por si, a expressão ‘mundo externo’ expressa uma delimitação extrínseca entre si e o mundo, através de uma discriminação (definida pelo par conceitual ‘interno/externo’) completamente inadequada para compreender tanto os processos de natureza orgânica, quanto os processos cognitivos e sócio-políticos, assim como as atividades espirituais mais autónomas e racionais, como a própria ciência filosófica.

¹² Cf. HANNA, R. Kant, Hegel, and the Fate of Non-Conceptual Content, *Bulletin of the Hegel Society of Great Britain*, 34, n. 1, 2013, p. 1-32.

¹³ HALBIG. *Objektives Denken*, p. 356.

As expressões ‘*Außenwelt*’ e ‘*äußere Welt*’ são introduzidas na *Enciclopédia das ciências filosóficas* hegeliana em relação ao primeiro surgimento das condições fisiológicas para o desenvolvimento da capacidade subjetiva de sentir, precisamente com a análise conceitual do ‘sistema da sensibilidade.’¹⁴ Só a partir deste momento, Hegel introduz a referência ao ‘mundo externo,’ considerando aquela espécie de ‘interface’ entre ‘interno’ e ‘externo’ constituída pelo sistema nervoso. Daqui Hegel passará à análise dos processos de mediação cada vez mais complexos que o organismo implementa através da atividade nutritiva e de auto crescimento, como incorporação/digestão/assimilação de ‘objetos externos.’

Como é sabido, já nestes processos físico-orgânicos de relacionamento com o mundo, o conceito de ‘realidade’ não é atribuído a alegados ‘objetos externos’: o próprio ato de captura e assimilação chega a ser, ao contrário, uma espécie de ‘prova física’ da negação da ‘realidade’ independente e permanente dos objetos externos. Aquilo que a este nível se mostra ‘real’ é a autonomia que o sujeito é capaz de instaurar em relação ao ambiente.

A teorização da relação entre alma/consciência/eu e ‘mundo externo’ torna-se um tema central da Filosofia do espírito subjetivo. A externalização do choro do recém-nascido, que manifesta a exigência de que o mundo externo se preocupe com ele, estabelece o primeiro momento na interação com o mundo. Porém, daqui para frente, aquilo que está em jogo na filosofia do espírito não é a atestação da realidade independente do mundo externo, mas a exigência de mostrar que o mundo não é apenas o estado das coisas físico que a consciência ‘encontra’ fora de si, mas sobretudo a dimensão objetiva do saber e do agir humano, no qual o mundo é recriado historicamente como o ambiente em que pode-se desenvolver uma vida livre. Escreve Hegel programaticamente na primeira edição da *Enciclopédia*:

Os diferentes graus da atividade do espírito são graus de sua libertação, em cuja absoluta verdade, o encontro do seu mundo como um mundo pressuposto, o produzir do mesmo como um produzir posto por ele e a libertação deste mundo são uma única e mesma coisa.¹⁵

É importante ter presente o seguinte: encontrar diante de si o mundo, gerar o mundo, se livrar do mundo ‘no’ próprio mundo (*von ihr und in ihr* – acrescentará Hegel na terceira edição) não

¹⁴ Cf. HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 19: *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1827). Hrsg. von W. Bonsiepen und H.-C. Lucas. Hamburg: Meiner, 1989, § 354.

¹⁵ HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 13: *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1817). Unter Mitarb. von H.-C. Lucas und U. Rameil, hrsg. von W. Bonsiepen und K. Grotzsch. Hamburg: Meiner, 2000, § 306.

devem ser entendidos somente como três momentos que, de fato, se dão sincronicamente, mas como três momentos que são uma única e mesma coisa, *eins und dasselbe*.

5. A oposição abstrata entre 'mundo real' e 'mundo ideal'

O problema do realismo em Hegel não concerne evidentemente a questão da existência do 'mundo externo' para a consciência. Hegel nunca nega, nestes termos, a realidade do mundo. Ele refuta, ao contrário, a pretensão de que os sentidos nos consentem um acesso direto e um conhecimento imediato da realidade.

Hegel procura demonstrar que a sensação não é um 'dado' cognoscitivo, estável e determinado, pré-constituído com respeito à experiência cognoscitiva. Ele mostra as contradições internas de um 'realismo externo,' que interpreta a certeza com que sentimos e percebemos algo como atestação de um conhecer que é capaz de apresentar 'imediatamente' a existência de um 'objeto' e a sua efetiva, 'real' constituição.

Frente à crítica 'desconstrutiva' levada a cabo na *Fenomenologia do espírito*, na filosofia do espírito subjetivo Hegel tenta demonstrar em detalhe que a sensação é a condição cognoscitiva basilar do nosso conhecer, mas, tomada por si, ela é absolutamente incompleta, instável e evanescente: só no desenvolvimento sucessivo da inteligência, esta fonte originária pode se estruturar propriamente no conhecer. De fato, considerada no seu surgimento, a capacidade de sentir como tal, não acompanhada pela consciência, ainda não se condensa em conteúdos determinados do conhecimento.

Para Hegel, é necessário sermos conscientes de que, se queremos analisar o 'sentir' como tal, abstraindo de todo componente cognoscitivo ulterior, então temos que investigar um nível de atividade psicofísica que 'precede' a consciência propriamente dita. A este nível, a atividade de mediação e significação daquilo que é sentido é espontaneamente operada a um nível inconsciente pelo sistema sensorial, conforme automatismos que não são dirigidos por atos conscientes.

Todavia, para que seja possível ter uma 'sensação' (*Empfindung*), é necessário que o indivíduo seja capaz de encontrá-la de maneira distinta e, como tal, de acolhê-la no fluxo de sensações que ele deixa sedimentar na própria interioridade espiritual.¹⁶ Somente assim tal sensação será significativa 'para ele.' Deste modo, já no sentir como tal, o indivíduo começa a se afirmar como subjetividade espiritual, na medida em que ele é capaz de não se deixar 'absorver' por aquilo

¹⁶ Cf. HEGEL. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1827), § 401.

que é sentido, mas é capaz de negar a fixa imediatez dele, e mediá-lo, mais ou menos conscientemente, na unidade da sua própria vida interior. Neste sentido afirma Hegel: “O indivíduo que sente é a *idealidade simples*, subjetividade do sentir.”¹⁷

Hegel indica aqui um aspecto fundamental daquilo que ele entende por ‘idealidade.’ Em geral, nós nos imaginamos que, aquilo que é objeto do nosso sentir, constitua, por dizer assim, um ‘dado,’ que nos informaria sobre a real constituição atual e efetiva do mundo, que nós nos limitaríamos a espelhar na nossa mente. Hegel, pelo contrário, mostra como o conhecer não seja uma atividade de espelhamento ou de reprodução interna de uma realidade pré-constituída, mas, em primeiro lugar, uma atividade de ‘negação’ do caráter isolado, fixo e independente daquilo que aparece.¹⁸

Numa experiência cognoscitiva ordinária, de fato, não deixamos que as impressões dos objetos ou dos estados de coisas contingentes nos absorvam. Este é um ponto decisivo para a compreensão da perspectiva hegeliana. A negação do ‘dado’ consiste propriamente na sua ‘idealização.’

Hegel aponta a evidenciar a necessidade de superar os limites da experiência cognoscitiva de tipo figurativo ou representacional. A função primária do conhecimento não é, de fato, tentar fornecer uma ‘re-presentação’ mental exata, através de instrumentos simbólicos linguisticamente e conceitualmente estruturados, do mundo real. A realidade torna-se inconcebível se se pressupõe que ela seja algo ‘heterogêneo,’ que seria depois ‘re-presentado,’ mais o menos corretamente, isto é, nas suas propriedades específicas, dentro de determinados sistemas representacionais, simbólicos e/ou conceituais.

Neste sentido, deve-se destacar também um elemento de afinidade da posição hegeliana com a ideia de ‘realismo direto,’ reconhecendo a contraditoriedade da concepção do conhecer como atividade que se desenvolve através de instrumentos (sensibilidade, capacidade de imaginar e julgar, de formar e utilizar conceitos, de avaliar e gerar inferências etc.) completamente estranhos aos objetos aos quais se referem e que, portanto, gerariam na mente um modelo interno, completamente autorreferencial, do mundo externo.

¹⁷ HEGEL. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1827), § 403.

¹⁸ Aprofundei este tema em: *Idealità e concretezza. Il paradigma epistemico hegeliano*. Milano: Franco Angeli, 2013.

6. Um idealismo não anti-realista

A filosofia hegeliana não é em absoluto um ‘anti-realismo.’ Há nela um aspecto relevante do realismo, de matriz empirista, que resulta compatível com a filosofia hegeliana. Relativamente ao problema se é possível fazer referência a uma dimensão ‘pré-conceitual’ de relação com o mundo, Hegel reconhece que há uma dimensão pré-consciente da existência, de tal forma que pode-se afirmar que o sentir como tal pode ser pensado como “aquilo que é primeiro” e é “condição (*Bedingung*)” do desenvolvimento daquilo que é humano.¹⁹

Considerar as primeiras manifestações da nossa sensorialidade no desenvolvimento da experiência subjetiva do mundo é, porém, apenas um lado da questão, como oportunamente sublinhado por Halbig.²⁰ Hegel considera ‘aquilo que é primeiro’ (*das Erste*) como ‘a base’ (*Grundlage*) e não como condição absoluta do saber. Em outros termos: ele é condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento do saber. Portanto, se por ‘realismo’ entendemos que o ‘ser’ do mundo, isto é, a maneira totalmente indeterminada na qual o mundo se apresenta para o indivíduo nos primeiros estágios da sensorialidade, é condição ‘absoluta’ do desenvolvimento da compreensão conceitual, também neste sentido Hegel não pode ser definido um ‘realista.’

A posição de Hegel com respeito a este ponto parece inequívoca: a identidade do empírico com o conceitual não consiste na correspondência entre ordens diferentes (um ‘mundo pré-conceitual’ e um ‘mundo conceitual’), mas na demonstração da idealidade da matéria ‘empírica.’²¹

Na ordem de compreensão conceitual, a realidade não aparece como uma “realidade dada, que se coloca contra a ela.” A realidade não possui nenhuma consistência para o conhecer “fora e antes do conceito.”²²

Esta concepção parece análoga àquela que hoje em dia afirma que “the conceptual has no outer boundary” (McDowell), pelo menos pelo objetivo, compartilhado por Hegel, de negar a concepção do dado cognoscitivo como fundamento extra conceitual da experiência cognoscitiva. Aquilo que resta a ser explicado, todavia, neste repensamento contemporâneo da relação entre *Mind and World*, é a quais condições o ‘mundo’ é considerado não apenas como uma ‘função autónoma’ na geração da experiência da consciência (o de *empirical beliefs*), mas também como uma ‘entidade

¹⁹ HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*, Bd. 12: *Wissenschaft der Logik*, zweiter Band, Die subjektive Logik. Die Lehre vom Begriff (1816). Hrsg. von F. Hogemann und W. Jaeschke. Hamburg: Meiner, 1981, p. 25.

²⁰ HALBIG. *Objektives Denken*, p. 52ss.

²¹ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, zweiter Band, p. 24-25.

²² HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, zweiter Band, p. 24-25.

ontologicamente independente,’ isto é, como um ‘antes’ e um ‘fora’ em relação às diferentes maneiras nas quais ele ‘pode’ ser conceitualmente determinado.²³

7. *Realismo ‘ontológico’ e realismo ‘epistemológico’*

Observamos que, se por ‘realismo’ se entende aquela perspectiva que afirma a independência do ‘mundo externo’ em relação aos modos em que ele é experimentado, então a perspectiva hegeliana parece incompatível com uma tal concepção do realismo.

Halbig, Quante e Siep defendem uma proposta interpretativa que apresenta a filosofia hegeliana como um ‘realismo direto,’ fazendo referência à distinção, que tem-se imposto no debate contemporâneo sobre o tema, entre ‘realismo ontológico’ e ‘realismo epistemológico.’²⁴

Por [1] ‘realismo ontológico’ entende-se aquela posição teórica que afirma o “dar-se de uma realidade efetiva (*Wirklichkeit*) que é independente do nosso pensar e da nossa linguagem.”²⁵ Segundo esta perspectiva, acrescenta Halbig, “o mundo é tal como ele é independentemente daquilo que nós podemos crer ou pensar sobre ele.”²⁶

O [2] ‘realismo epistemológico’ é caracterizado pela tese de que “a realidade independente das nossas capacidades cognitivas é, em linha de princípio, acessível ao nosso conhecer.”²⁷ Em outros termos: “podemos conhecer o mundo, tal como ele é.”²⁸ Hegel teria se movido nesta direção na sua insistente crítica ao ‘idealismo subjetivo.’²⁹ Esta proposta interpretativa conduz à discussão de importantes distinções que devem ser consideradas em detalhe.

Em primeiro lugar, não se deve negligenciar uma importante questão terminológica, com o risco de prejudicar a discussão sobre este tema, isto é, o uso do termo ‘independente’ para definir a realidade ‘em relação’ ao saber que dela podemos possuir.

O conceito de ‘independência’ parece apropriado para interpretar a crítica hegeliana ao ‘subjetivismo’ filosófico; de fato, o conceito de ‘realidade’ não deve ser representado apenas como

²³ Sobre este tema, cf. CORTI, L. **Ritratti hegeliani. Un capitolo della filosofia americana contemporanea.** Roma: Carocci, 2014.

²⁴ Cf. WESTPHAL, K.R., **Hegel’s Epistemological Realism. A Study of the Aim and Method of Hegel’s ‘Phenomenology of Spirit’.** Dordrecht & Boston: Kluwer, 1989, p. 3-4; HALDANE, J., WRIGHT C. (Orgs.). **Reality, Representation and Projection.** Oxford – New York: Oxford University Press, 1993.

²⁵ SIEP, HALBIG, QUANTE. **Direkter Realismus,** p. 158.

²⁶ HALBIG. **Objektives Denken,** p. 327.

²⁷ SIEP, HALBIG, QUANTE. **Direkter Realismus,** p. 158-159.

²⁸ HALBIG. **Objektives Denken,** p. 327. Esta definição equivale à definição de Westphal: “we can know the way the world is,” in WESTPHAL K.R., **Hegel’s Epistemological Realism,** p. 4.

²⁹ SIEP, HALBIG, QUANTE. **Direkter Realismus,** p. 158.

a projeção de um ato cognitivo subjetivo (imaginativo, representativo ou reflexivo). Por outro lado, o uso do termo ‘independência’ introduz no debate algo ulterior. Tanto na origem latina do termo ‘independente,’ quanto no significado equivalente do termo alemão ‘*unabhängig*,’ o conceito de independência introduz a ideia da ausência de elos de ‘ligação’ ou subordinação de um elemento a outro. O uso deste termo, porém, introduz de novo a distinção entre ‘mente’ e ‘realidade’ como conceitos reciprocamente externos; mas esta alegada ‘exterioridade’ entre conteúdo conceitual dos dois termos é exatamente aquilo que Hegel quer superar.

Além disso, se a expressão inglesa *mind-independent reality* for assumida como fórmula de referência e traduzida com *geistunabhängige Wirklichkeit*, evidentemente a expressão alemã só poderá ser equivalente àquela inglesa sob o preço de entender o conceito de *Geist* em sentido ‘mentalístico’ e, no contexto deste debate, de reduzir o conceito de *Wirklichkeit* àquele de *Außenwelt*.

Em segundo lugar, o realismo [2] é associado hoje frequentemente à filosofia hegeliana, mas com uma condição: um tal realismo pressupõe que o mundo, para poder ser conhecido tal como ele é, tem que poder ser pensado como ‘ontologicamente’ independente. Neste sentido, afirma Halbig, o realismo [2] pressupõe necessariamente o realismo [1], porém não vale o contrário.³⁰ A questão então se complica, dado que o realismo [1] é evidentemente incompatível com a proposta filosófica hegeliana, tal como sublinham oportunamente também Siep, Halbig e Quante: “o realista ontológico afirma que há uma *Wirklichkeit* independente do nosso pensar, e da nossa linguagem. Hegel recusa isto, e não porque [...] quer tornar a *Wirklichkeit* dependente dos nossos atos cognoscitivos, mas porque para ele a *Wirklichkeit* é essencialmente espiritual (*geistig*), enquanto sistema que se auto estrutura e se auto diferencia;”³¹ além disso, porque este sistema é (monisticamente) não apenas explicação, mas, ao mesmo tempo e constitutivamente, compreensão da própria auto estruturação e auto diferenciação.

De que maneira esta caracterização monística da filosofia poderia ser compatível com a definição de ‘realismo epistemológico direto’ não parece claro. Se referida à concepção hegeliana do saber, a expressão ‘realismo epistemológico’ expressa de forma eficaz o projeto de uma filosofia como ‘ciência autoexplicativa da realidade,’ que não seja ‘condicionada’ por aqueles elementos pessoais, arbitrários, contingentes e subjetivos do saber. Em Hegel, aquilo que tem que ser compreendido como efetivamente *unabhängig* é propriamente a ciência filosófica. Ele coloca a

³⁰ HALBIG. *Objektives Denken*, p. 357.

³¹ SIEP, HALBIG, QUANTE. *Direkter Realismus*, p. 158.

pretensão de que a ciência inteira, com todo o seu conteúdo, isto é, com a inteira extensão da *Wirklichkeit* enquanto conceitualmente compreendida, seja ‘não condicionada’ ou ‘absoluta.’ Mas, de novo, fica difícil entender uma tal concepção da filosofia como um ‘realismo.’ Resta, além disso, esclarecer de que modo a exposição do saber como auto mediação conceitual seria capaz de fornecer uma forma de apresentação ‘direta’ da estrutura dinâmica, complexa, estratificada do real.

8. Identidade entre pensamento-realidade e ‘realismo’ do sentido comum

Em relação à distinção entre realismo ontológico e realismo epistemológico temos ainda que esclarecer em que sentido, segundo o realismo epistemológico, é possível ‘conhecer o mundo tal como ele é.’ Em particular, em que sentido e de que modo a realidade seria para Hegel diretamente ‘acessível’ (*zugänglich*)? Sob quais condições é correto afirmar que para Hegel “there is no gap between thought and world?”³²

Evidentemente não se entende com isto uma relação totalmente imediata, fundada na certeza sensível de objetos externos: segundo esta perspectiva, a existência e a constituição destes objetos deveria preceder e justificar o nosso sentir. Hegel se opõe evidentemente a um tal *näive realism*.³³ Pode-se acrescentar que a demonstração das contradições internas de tal ‘certeza sensível’ de objetos externos constitui para Hegel o início fenomenológico do filosofar.

Siep, Halbig e Quante destacam oportunamente como a filosofia hegeliana se determina através da “superação da consciência natural” (*Aufhebung des natürlichen Bewusstseins*).³⁴ Eles destacam também que esta *Aufhebung* não comporta uma cisão ou uma contraposição do saber filosófico em relação à consciência natural, mas uma conciliação (*Versöhnung*) deles. Esta afirmação permite aos autores ver na filosofia hegeliana, de acordo com McDowell, uma *Entwicklungskontinuität* entre a filosofia especulativa e o *Alltagsrealismus* ou *realism of common sense*, que na acepção contemporânea seria assimilável àquilo que Hegel entendia por *natürliches Bewusstsein*.³⁵

Esta afirmação pode resultar verdadeira, sob a condição de entender a *Versöhnung* entre filosofia e *common sense* segundo uma acepção totalmente geral, que consente afirmar que na filosofia cada figura da experiência da consciência e cada *besonderer Standpunkt* são, por fim, não

³² HALBIG, C. Pensieri oggettivi. *Verifiche*, 36, 2007, p. 33.

³³ WESTPHAL, K.R. Hegel’s Internal Critique of Näive Realism. *Journal of Philosophical Research*, 25, 2000, p. 173-229.

³⁴ SIEP, HALBIG, QUANTE. *Direkter Realismus*, p. 158.

³⁵ SIEP, HALBIG, QUANTE. *Direkter Realismus*, p. 148.

simplesmente negados, mas ‘negados no pretendido valor absoluto’ de seu significado e de sua função.

Por outro lado, a tese segundo a qual Hegel propõe um realismo capaz de conciliar a filosofia com o sentido comum pode ser útil em diferentes sentidos. Em primeiro lugar, permite compreender a insistência com a qual o próprio Hegel, sobretudo nos discursos acadêmicos e nos cursos de ‘Lógica e Metafísica,’ toma partido contra as tendências subjetivistas e céticas da filosofia contemporânea, afirmando a exigência de confirmar a ‘fé natural’ no acordo entre pensamento e realidade. Em segundo lugar, permite evidenciar ulteriores afinidades da filosofia hegeliana com a proposta teórica de Putnam³⁶ e McDowell. Finalmente, permite abrir uma reflexão sobre as implicações ‘éticas’ da concepção hegeliana da filosofia.³⁷

Esta operação, todavia, deve ser adequadamente examinada se for proposta como uma chave de leitura para compreender a peculiaridade da filosofia hegeliana.

A referência ao *common sense* introduz na discussão, já ampla e estratificada por si mesma, uma complicação, tanto de um ponto de vista histórico-conceitual, quanto de um ponto de vista teórico. Se por *common sense* se entende em geral a tendência a entregar-nos a modos de avaliar objetos, estados de coisas, eventos, com base em ‘crenças que orientam a experiência perceptiva’ e que são sedimentadas nas maneiras em que nos relacionamos com as coisas e situações difusas num determinado ambiente cultural, então, o enraizamento no ‘realismo implícito’ de uma tal concepção do mundo pode ser um dos principais obstáculos para a realização da filosofia.

Há pelo menos duas razões para considerar a filosofia especulativa hegeliana como exercício de uma crítica racional do realismo implícito no assim chamado *common sense*.

A primeira é de ordem fenomenológica: o itinerário até a filosofia especulativa começa justo no momento em que se trazem à luz as contradições internas de uma teoria filosófica que se ancora no imaginário comum como se este fosse a firme posse daquilo que é efetivamente real. Deste ponto de vista, a filosofia hegeliana pode ser considerada como a demonstração da não verdade da certeza com que a consciência natural faz experiência da realidade. Sobre este ponto, Hegel se expressa muito claramente: “depois que o senso comum (*gemeine Menschenverstand*) se apoderou da filosofia, ele afirmou o seu ponto de vista, segundo o qual a verdade baseia-se na realidade sensível, os pensamentos seriam ‘somente’ pensamentos, no sentido em que somente a percepção

³⁶ Cf., em particular, PUTNAM, H. **The threefold Cord: Mind, Body, and World**. New York: Colombia University Press, 1999.

³⁷ Sobre este ponto insiste particularmente Michael Quante numa série de ensaios re-elaborados em **Die Wirklichkeit des Geistes. Studien zu Hegel**. Vorwort von R. Pippin. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011; veja-se em particular a primeira parte „Zwischen Metaphysik und Common Sense“, p. 35-88.

sensível lhes proporcionaria forma e realidade, que a razão, na medida em que ela permanece em si e para si, não produziria outra coisa senão raciocínios bizarros.”³⁸ Este ‘ponto de vista’ é evidentemente um dos objetivos críticos principais da filosofia hegeliana.

A segunda é de ordem metodológica: esta diz respeito à constituição do conteúdo do saber dentro do sistema filosófico. A filosofia começa, de fato, com a anulação de todo conteúdo: não é admitida nenhuma referência a imagens ou crenças, representações, princípios; desaparece a referência direta a tudo aquilo que se apresenta para a consciência ordinária. O que guia o exame daquilo que é real não são mais imagens ou representações, mas articulações conceituais. Como explica Hegel: “É para a consciência como se, juntamente com o modo da representação, fosse dela arrancado o solo sobre o qual ela tem em geral sua posição sólida e lugar próprio. Quando ela se encontra deslocada para a região do conceito, ela não sabe *onde* está no mundo.”³⁹

O horizonte com o qual se abre a *Ciência da lógica* aparece, por consequência, completamente vazio: a completa indeterminidade do puro ser. Conforme a famosa metáfora hegeliana, ele é como a pura luz, que, exatamente pela falta de qualquer perfil determinado, não deixa ver nada e equivale à pura obscuridade. “O ouvir e o ver literalmente passados – como se girasse na cabeça a roda de um moinho.”⁴⁰

Esta ausência de pontos de apoio para a representação é funcional à recriação puramente conceitual do conteúdo da filosofia. De fato, se faz sentido falar que há em Hegel um ‘empenho ontológico,’ ou uma ‘responsabilidade cognitiva’ do autor em relação àquilo que é verdadeiramente real, este empenho, Hegel o assume em relação à realidade em seu conjunto e em sua concretude. Por outro lado, o fato de que a compreensão conceitual permite uma compreensão racional sistêmica do real não exclui que aquela seja útil para orientar nossa vida também com respeito às modalidades representativas de conhecimento, um conhecimento que não seja alheio às imagens e aos objetos que na experiência cognoscitiva ordinária continuam dominando a cena: Hegel tentou mostrar isto amplamente a partir dos anos de Nuremberg, nas *Lições* e nas *Anmerkungen* enciclopédicas.

Em geral, não parece que haja elementos suficientes para justificar uma definição da filosofia hegeliana como uma peculiar forma de ‘realismo natural do homem comum’ ou ‘realismo do *common sense*.’

³⁸ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, erster Band, p. 17.

³⁹ HEGEL. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1827), 19, § 3 An.

⁴⁰ HEGEL. *Notizen zu Vorlesungen über Logik und Metaphysik*, p. 419.

9. Conclusões

Se por realismo entendemos uma posição teórica que tende a afirmar uma *geistunabhängige Wirklichkeit*, então a interpretação da filosofia hegeliana como uma peculiar forma de ‘realismo’ resulta problemática.

Com isto não queremos afirmar que a filosofia hegeliana seja um ‘anti-realismo.’ Muito pelo contrário, a própria ‘realidade,’ considerada na sua inteira extensão, é para Hegel propriamente ‘o’ objeto da filosofia. Hegel escreve claramente que o conteúdo da filosofia “não é outra coisa senão o conteúdo originariamente produzido, que se produz (*sich hervorbringende*) no terreno do espírito vivente, conteúdo que se tornou *mundo*, mundo externo e interno da consciência;” ora, este conteúdo, enfatiza ele, “é a *realidade efetiva (Wirklichkeit)*.”⁴¹

E o ‘espírito vivente’ não é apenas aquilo que entendemos por ‘mente,’ senão antes de tudo vida terrestre, *Naturgeist*, vida simpatética e inconsciente; é consciência de um mundo interno e externo, e é consciência de si mediada pela relação com os outros; é consciência racional, eu, lembrança e imaginação, memória e linguagem, é livre atividade teórica e prática. É, ao mesmo tempo, dimensão objetiva própria da constituição de mundos socioeconômicos e políticos, dentro do contexto geral da história da humanidade. É também criação artística, espírito religioso e culto e, por fim, mas não por último, ciência e ao mesmo tempo compreensão conceitual daquilo que a ciência, na dimensão natural e histórica, ‘pressupõe’ a si mesma.

Se a *Wirklichkeit* é o conjunto daquilo que se produziu e se produz dentro do inteiro horizonte do ‘espírito vivente,’ parece limitada a representação da mesma como um correlato ‘independente’ do nosso sentir, representar, julgar formas, propriedades, estados de coisas, a menos que, de novo, não entendamos estes atos cognitivos num sentido internalístico.

Hegel não nega certamente a existência de coisas e situações tais como elas se apresentam à consciência ordinária. Mas não é tarefa da ciência filosófica definir, determinar ou julgar as coisas (*Dinge*) em si mesmas, na sua própria contingência empírica. Pelo contrário, a filosofia elabora o contexto sistêmico-conceitual dentro do qual somente, segundo Hegel, é possível ‘compreender’ cientificamente a ‘realidade.’

Desta perspectiva, poderia parecer plausível a interpretação da filosofia hegeliana como um ‘realismo holístico,’ se por realismo se entende que o saber pode ser considerado ‘verdadeiro’ somente se ele é manifestação do real. Em todo caso, trata-se de uma expressão compatível com o

⁴¹ HEGEL. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1827)*, § 6.

pensamento de Hegel somente se é entendida como a afirmação que ‘a realidade (verdadeira) é o inteiro.’ Mas se a realidade é propriamente tudo aquilo que emerge no domínio do ‘espírito vivente.’ e se este ‘todo’ é pensável rigorosamente somente dentro de uma compreensão sistémico-conceitual, então continua sendo problemática a definição da filosofia hegeliana como um ‘realismo.’

Resumindo, a filosofia é concebida por Hegel em um sentido não subjetivista, não formalista e não representacionista, com a finalidade de desenvolver uma compreensão conceitual rigorosa e maximamente concreta daquilo que é ‘real:’ neste sentido, ela é uma ciência da realidade, não um ‘realismo’ num sentido próprio. O real é, sem dúvida, o conteúdo da filosofia como ciência: mas ele não se intui, nem se percebe ou se espelha no saber imediatamente, em modo direto. Tampouco a realidade se reproduz no saber através de conceitos determinados ou juízos ou determinadas figuras silogísticas por si consideradas.

A exposição tripartida da *Enciclopédia das ciências filosóficas* pode ser concebida como o primeiro momento de um ‘tríplice silogismo’ que descreve uma forma expositiva adequada à complexidade da *Wirklichkeit*. Isto é aquilo que Hegel afirma na conclusão da própria *Enciclopédia* (na 1ª e na 3ª edição).

Para tentar entender o sentido desta forma complexa é preciso, antes de tudo, pensar a relação de mediação recíproca entre *Logisches*, *Natur* e *Geistiges*, em que o elemento de auto mediação lógico-conceitual, a natureza e a dimensão espiritual não devem ser concebidas como entidades, produtos, dimensões ou esferas independentes. Também em relação a este ponto, a filosofia hegeliana parece estar muito longe do realismo, na acepção tradicional do termo

BIBLIOGRAFIA

BODEI, Remo. **La civetta e la talpa. Sistema ed epoca in Hegel**. Bologna: il Mulino, 2014.

BRANDOM, Robert B. Some Hegelian Ideas of Note for Contemporary Analytic Philosophy. **Bulletin of the Hegel Society of Great Britain**, 35, n.1, 2008, p. 1-15.

CHIEREGHIN, Franco. **La fenomenologia dello spirito di Hegel. Introduzione alla lettura**, Firenze-Roma: NIS, 1994; depois Roma: Carocci, 2008 (tradução portuguesa: **Introdução à leitura de fenomenologia do espírito de Hegel**, trad. Abílio Queirós, rev. Joaquim Alberto Ferreira Gomes, Edições 70, Lisboa: 1998).

CHIEREGHIN, Franco. **Rileggere la Scienza della logica di Hegel. Ricorsività, retroazioni, ologrammi**. Roma: Carocci, 2011.

CORTI, Luca. **Ritratti hegeliani. Un capitolo della filosofia americana contemporanea**. Roma: Carocci, 2014.

GIUSPOLI, Paolo. La Scienza della logica come teoria generale dei processi di mediazione razionale, in HEGEL, G.W.F., **Scienza della logica. Libro primo. L'essere (1812)**. Tradução de P. Giuspoli, G. Castegnaro e P. Livieri. Trento: Verifiche, 2009, p. IX-CXXIV.

GIUSPOLI, Paolo. **Idealità e concretezza. Il paradigma epistemico hegeliano**, Franco Angeli, Milano: 2013.

HALBIG, Christoph. **Objektives Denken. Erkenntnistheorie und Philosophy of Mind in Hegels System**. Stuttgart – Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2002.

HALBIG, Christoph. Pensieri oggettivi. **Verifiche**, 36, n. 1-4, 2007, p. 33-60.

HALDANE, John. WRIGHT, Crispin (Orgs.). **Reality, Representation and Projection**. Oxford – New York: Oxford University Press, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 9: **Die Phänomenologie des Geistes**. Hrsg. von W. Bonsiepen und R. Heede. Hamburg: Meiner, 1980.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 11, **Wissenschaft der Logik**, erster Band: Die objektive Logik, erstes Buch: Das Sein (1812). Hrsg. von F. Hogemann und W. Jaeschke. Hamburg: Meiner, 1977, p. 1-232.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 12: **Wissenschaft der Logik**, zweiter Band, Die subjektive Logik. Die Lehre vom Begriff (1816). Hrsg. von F. Hogemann und W. Jaeschke. Hamburg: Meiner, 1981.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 13: **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1817)**. Unter Mitarb. von H.-C. Lucas und U. Rameil, hrsg. von W. Bonsiepen und K. Grotzsch. Hamburg: Meiner, 2000.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 19: **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1827)**. Hrsg. von W. Bonsiepen und H.-C. Lucas. Hamburg: Meiner, 1989.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**, Bd. 20: **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)**. Hrsg. von W. Bonsiepen und H.-C. Lucas. Hamburg: Meiner, 1992.
- ILLETTERATI, Luca. CHIAREGHIN, Franco (Orgs.). L'oggettività del pensiero. La filosofia di Hegel tra idealismo, anti-idealismo e realismo. **Verifiche**, 36, n. 1-4, 2007.
- ILLETTERATI, Luca. GIUSPOLI, Paolo. MENDOLA, Gianluca. **Hegel**. Carocci: Roma, 2010.
- ILLETTERATI, Luca. Pensiero e realtà. La problematizzazione del rapporto fra soggetto e mondo in Kant e Hegel. **Giornale di Metafisica**, 35, n. 2-3, p. 320-354, 2013.
- KERVÉGAN, Jean-François. **L'effectif et le rationnel. Hegel et l'esprit objectif**. Paris: Vrin, 2007.
- LIVIERI, Paolo. **Il pensiero dell'oggetto. Il problema dell'oggettività nella Scienza della logica di Hegel**. Trento: Verifiche, 2012.

LUCAS, Hans-Christian et al. (Orgs.), **Hegels enzyklopädisches System der Philosophie. Von der “Wissenschaft der Logik” zur Philosophie des absoluten Geistes.** Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2004.

LUGARINI, Leo. **Orizzonti hegeliani di comprensione dell’essere. Rileggendo la ‘Scienza della logica’.** Milano: Guerini e Associati, 1998.

MCDOWELL, John. **Having the World in View. Essays on Kant, Hegel, and Sellars.** Cambridge (MA): Harvard University Press, 2009.

MENEGONI, Francesca. ILLETTERATI, Luca (Orgs.). **Das Endliche und das Unendliche in Hegels Denken.** Stuttgart: Klett-Cotta, 2004.

NUZZO, Angelica. **Logica e sistema. Sull’idea hegeliana di filosofia.** Genova: Pantograf, 1992.

PUTNAM, Hilary. **Realism with a Human Face.** Cambridge (MA): Harvard University Press, 1990.

PUTNAM, Hilary. **The threefold Cord: Mind, Body, and World.** New York: Columbia University Press, 1999.

QUANTE, Michael. **Die Wirklichkeit des Geistes. Studien zu Hegel.** Vorwort von R. Pippin, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011.

ROCKMORE, Tom. Hegel, Analytic Philosophy and Realism. **Hegel-Studien**, 37, 2002, p. 123-138.

SANGUINETTI, Federico. **La teoria hegeliana della sensazione.** Trento: Verifiche, 2015.

SANGUINETTI, Federico. Is Hegel’s Theory of Sensation Committed to Metaphysics? A Comparison between Hegel and McDowell on Perceptual Knowledge. **Logical Analysis and History of Philosophy.** (A ser publicado em breve).

SIEP, Ludwig, HALBIG, Christoph, QUANTE, Michael. Direkter Realismus. Bemerkungen zur Aufhebung des alltäglichen Realismus bei Hegel. In: Schumacher, R. **Idealismus als Theorie der Repräsentation?** Paderborn: Mentis Verlag, 2001, p. 147-163.

STERN, Robert. Going Beyond the Kantian Philosophy: On McDowell's Hegelian Critique of Kant. **European Journal of Philosophy**, 7, n. 2, p. 247-269, 1999.

WESTPHAL, Kenneth R. **Hegel's Epistemological Realism. A Study of the Aim and Method of Hegel's 'Phenomenology of Spirit'**. Dordrecht & Boston: Kluwer, 1989.

WESTPHAL Kenneth R. Hegel's Internal Critique of Naïve Realism. **Journal of Philosophical Research**, 25, p. 173-229, 2000.

WESTPHAL, Kenneth R. **Hegel's Epistemology**. Indianapolis: Hackett, 2003.